

Texto para as questões 1 e 2.

Mafalda e o doente



(Quino. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.)

1. Ao se observar a imagem dos quadrinhos, é correto dizer que
 - (A) o pai da Mafalda acredita na filha quando a vê cuidando do doente.
 - (B) o pai de Mafalda muda sua opinião sobre o mundo estar ou não doente.
 - (C) o 7º quadrinho deve ser retirado, pois não interfere na compreensão do texto.
 - (D) os colegas do pai da Mafalda não se surpreendem com a doença do mundo.
 - (E) Mafalda fica feliz porque a doença de que o mundo sofre está sendo curada.

2. O conflito dessa história está no fato de
 - (A) Mafalda achar que o mundo é apenas um globo terrestre.
 - (B) que o noticiário divulga apenas as notícias ruins do mundo.
 - (C) a Mafalda não entender o problema por ser apenas uma criança.
 - (D) as pessoas não perceberem os problemas da sociedade.
 - (E) o pai da Mafalda sempre acreditar nas ideias que sua filha tem.

Leia o texto para responder as questões 3 a 6.

Nacionalismo

O menino nissei sentou no banco do jardim. Teria uns onze anos, comia sossegado o seu sanduíche de queijo. Duas meninas, uma morena e outra ruiva, que pulavam amarelinha, chegaram junto dele e gritaram:

– Japonês! Japonês! Quer dizer a hora pra nós?

O menino olhou o pulso onde se ostentava um enorme relógio niquelado, disse que eram nove e meia, e acrescentou:

– Eu não sou japonês. Sou paulistano. Nasci aqui, no Jardim América.

A ruivinha, mais velha, coçou um borrachudo na canela fina:

– Se você não é japonês, teu pai é.

– Não, meu pai nasceu em Batatais.

A menor, moreninha, fez o comentário óbvio:

– Nós te chamou japonês porque tu tem cara de japonês.

– Meu avô é que era japonês. E a minha avó. E acho que meus tios.

A pequenininha estava maravilhada com aquele milagre biológico.

– Nunca vi pessoa ser brasileiro e ter cara de japonês. Eu pensava que brasileiro era tudo igual.

A maior ensinou:

– Nem todo brasileiro é igual. Negro é brasileiro e é diferente.

– Negro é africano, observou com certa malícia aquele a quem chamavam de japonês.

– Como é que você sabe?

– Aprendi na aula.

– Na minha rua tem muito judeu. Nós tudo somos judeu, contribuiu a ruivinha para enriquecer a conversação.

A outra quis saber:

– E onde é terra de Judeu?

– Meu pai veio da Rússia. E o meu avô. A minha mãe veio da Polônia.

– Então esse negócio de judeu é besteira. Quem vem da Rússia é russo. E quem vem da Polônia é polaco.

O menino falava com grande autoridade.

E a ruivinha protestou:

– A minha mãe disse que a gente deve falar “polonês”. “Polaco” é feio.

– Pode ser. Polonês. Mas Judeu?

– Judeu vem da Judia.

– Meu pai disse que a terra dos judeus se chama Israel, lembrou-se de repente a ruiva.

– Então como é que ele é da Rússia?

Mistério. Os três se entreolharam. Afinal, o rapaz sugeriu.

– Só se é mentira do teu pai.

– Mentira do teu! Teu pai é que é um japonês mentiroso!

– Já falei que o meu pai é brasileiro.

A pequena moreninha pacificou:

– Não xingue. Eu também sou brasileira. Eu nasci em Campos e o meu pai nasceu em Campos, e o meu irmão e a babá, todo mundo na minha casa nasceu em Campos.

(...)

E o paulistano acrescentou:

– Meu pai viu uma vez um índio e pensou que fosse japonês, mas o índio não entendeu bulhufas.

E a menor indagou, passado um instante:

– E onde é o lugar que só tem brasileiro?

Os outros dois ficaram algum tempo pensando, olhando para uns pombos que bicavam na areia. Afinal, a menina maior falou:

– Gente grande é muito misturado. Acho que deve ser num lugar onde só tem criança.

(Queiroz, Raquel de. Adaptado.)

3. Em relação às crianças do texto, pode-se afirmar que

- (A) nenhuma delas nasceu na Polônia. (B) só duas possuem a mesma nacionalidade.
(C) não possuem a mesma nacionalidade. (D) uma delas tem parentes japoneses.
(E) a nacionalidade de todas elas é a mesma.

4. No texto, quem conta a história é

- (A) um narrador-observador. (B) um narrador-personagem. (C) o menino japonês.
(D) a menina ruiva. (E) a mãe das crianças.

5. Na frase: “– Meu pai viu uma vez um índio e pensou que fosse japonês, mas o índio não entendeu **bulhufas**.”, a palavra destacada pode ser substituída, mantendo o sentido que aparece no texto, por

- (A) mais ou menos. (B) alguma coisa. (C) mesmo. (D) tudo. (E) nada.

6. Identifica-se uma opinião na frase

- (A) – Então como é que ele é da Rússia? (B) – Não, meu pai nasceu em Batatais.
(C) – Nem todo brasileiro é igual. (D) – Meu avô é que era japonês.
(E) E o paulistano acrescentou: (...)

O texto abaixo refere-se às questões de 7 a 10

RECADO AO SENHOR 903

Vizinho, Quem fala aqui é o homem do 1003. Recebi outro dia, consternado, a visita do zelador, que me mostrou a carta em que o senhor reclamava contra o barulho em meu apartamento. Recebi depois a sua própria visita pessoal – devia ser meia-noite – e a sua veemente reclamação verbal. Devo dizer que estou desolado com tudo isso, e lhe dou inteira razão. O regulamento do prédio é explícito e, se não o fosse, o senhor ainda teria ao seu lado a Lei e a Polícia. Quem trabalha o dia inteiro tem direito ao repouso noturno e é impossível repousar no 903 quando há vozes, passos e músicas no 1003. Ou melhor: é impossível ao 903 dormir quando o 1003 se agita; pois como não sei o seu nome nem o senhor sabe o meu, ficamos reduzidos a ser dois números, dois números empilhados entre dezenas de outros.

Eu, 1003, me limito a Leste pelo 1005, a Oeste pelo 1001, ao Sul pelo Oceano Atlântico, ao Norte pelo 1004, ao alto pelo 1103 e embaixo pelo 903 – que é o senhor. Todos esses números são comportados e silenciosos; apenas eu e o Oceano Atlântico fazemos algum ruído e funcionamos fora dos horários civis; nós dois apenas nos agitamos e bramimos ao sabor da maré, dos ventos e da lua. Prometo sinceramente adotar, depois das 22 horas, de hoje em diante, um comportamento de manso lago azul. Prometo. Quem vier à minha casa perdão; ao meu número) será convidado a se retirar às 21:45, e explicarei: 903 precisa repousar das 22 às 7 pois às 8:15 deve deixar o 783 para tomar o 109 que o levará até o 527 de outra rua, onde ele trabalha na sala 305. Nossa vida, vizinho, está toda numerada; e reconheço que ela só pode ser tolerável quando um número não incomoda outro número, mas o respeita, ficando dentro dos limites de seus algarismos. Peço-lhe desculpas – e prometo silêncio.

Mas que me seja permitido sonhar com outra vida e outro mundo, em que um homem batesse à porta do outro e dissesse: "Vizinho, são três horas da manhã e ouvi música em tua casa. Aqui estou". E o outro respondesse: "Entra, vizinho, e come de meu pão e bebe de meu vinho. Aqui estamos todos a bailar e cantar, pois descobrimos que a vida é curta e a lua é bela". E o homem trouxesse sua mulher, e os dois ficassem entre os amigos e amigas do vizinho entoando canções para agradecer a Deus o brilho das estrelas e o murmúrio da brisa nas árvores, e o dom da vida, e a amizade entre os humanos, e o amor e a paz.

BRAGA, Rubem. Recado ao senhor 903. In: *Para gostar de ler*. Crônicas. 12 ed. São Paulo: Ática, 1989. v. 1. p. 74-75

7. Ao mencionar a possibilidade de “sonhar com outra vida e outro mundo” o narrador imagina um mundo em que todos

- (A) acordassem sempre às três horas da manhã.
- (B) ignorassem que a vida é curta e a lua é bela.
- (C) pudessem viver dançando, cantando e bebendo.
- (D) vivessem felizes e solidários com os semelhantes.
- (E) vivessem felizes para sempre.

8. No texto, a identificação dos moradores por meio de números sugere

- (A) a relação impessoal entre vizinhos.
- (B) a amizade entre vizinhos do prédio.
- (C) a solidariedade entre as pessoas.
- (D) a hostilidade entre os homens.
- (E) a honra das pessoas.

9. Pode-se afirmar que este texto é uma crônica porque

- (A) objetiva esclarecer e orientar as pessoas.
- (B) procura colher informações sobre os vizinhos.
- (C) trata de forma pessoal e bem humorada um fato cotidiano.
- (D) visa a convencer o leitor a mudar o seu comportamento.
- (E) procura ironizar os personagens.

10. A ideia em torno da qual o texto se organiza é a

- (A) amizade existente entre os moradores.
- (B) relação conflituosa entre vizinhos de prédios.
- (C) responsabilidade do zelador pelo silêncio.
- (D) importância dos regulamentos dos edifícios.
- (E) raiva que uns tem para com os outros.

O texto abaixo refere-se às questões de 11 a 13.

CANÇÃO DO VENTO E DA MINHA VIDA

- | | |
|---|---------------------------------|
| 1 O vento varria as folhas, | 13 O vento varria os sonhos |
| 2 O vento varria os frutos, | 14 E varria as amizades... |
| 3 O vento varria as flores... | 15 O vento varria as mulheres. |
| 4 E a minha vida ficava | 16 E minha vida ficava |
| 5 Cada vez mais cheia | 17 Cada vez mais cheia |
| 6 De frutos, de flores, de folhas. | 18 De afetos e de mulheres. |
| 7 O vento varria as luzes | 19 O vento varria os meses |
| 8 O vento varria as músicas, | 20 E varria os teus sorrisos... |
| 9 O vento varria os aromas... | 21 O vento varria tudo! |
| 10 E a minha vida ficava | 22 E minha vida ficava |
| 11 Cada vez mais cheia | 23 Cada vez mais cheia |
| 12 De aromas, de estrelas, de cânticos. | 24 De tudo. |

BANDEIRA, Manuel. *Antologia poética*. 12 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 120-121.

11. No poema, a expressão “minha vida” linha 10, refere-se à vida

- (A) da amada.
- (B) da natureza.
- (C) das mulheres.
- (D) do eu-lírico.
- (E) da amante

12. A leitura do poema sugere que a vida

- (A) acumula experiências.
- (B) esvazia os dias.
- (C) destrói os sonhos.
- (D) devasta a natureza.
- (E) seja vivida.

13. O poema se organiza em torno da seguinte ideia:

- (A) a vida é como o vento, varre os maus momentos.
- (B) a vida é como o vento, varre os bons momentos.
- (C) o tempo passa como o vento, enquanto a vida se preenche.
- (D) o tempo passa como o vento, enquanto a vida se esvazia.
- (E) a vida para e o vento passa.

O texto abaixo refere-se às questões de 14 a 17

No dia 1º, o fiscal me impediu de expor na feira do Trianon. Me inscrevi em 2004, fiz teste de aptidão, paguei taxas de uso de solo e de licença, e comecei a trabalhar na semana seguinte. O juiz que cassou a liminar provavelmente nem leu o processo. Nossa advogada anexou documentos provando a legalidade dos expositores que estão com problemas porque funcionários da Prefeitura perderam os documentos de quem fez teste em 2004. Nós, artesãos, criamos objetos de arte considerados cultura no mundo todo menos no Brasil. E, aos 63 anos, não tenho perspectiva de conseguir outro trabalho.

José Eduardo Pires
Vila Maria Alta

A Prefeitura responde:

Com referência à feira do Trianon, jamais houve perda de documentos. No início de 2006, a Sub Pinheiros entregou as pastas de documentação para a Sub Sé. Na análise técnica do material, viu-se que havia expositores trabalhando irregularmente, sem que as aprovações fossem publicadas no Diário Oficial da Cidade de São Paulo, obrigatórias para que a comunidade saiba quem foram os aprovados e as atividades para as quais estão autorizados.

Andrea Matarazzo
Secretário das Subprefeituras e Subprefeito da Sé

(São Paulo Reclama. **O Estado de S.Paulo**, 12 de agosto de 2007, p. C2)

14. A carta do leitor identificado acima tem a finalidade de

- (A) defender a venda de produtos de artesanato, como símbolos de cultura.
- (B) queixar-se do fato de ter sido impedido de trabalhar numa feira de artesanato.
- (C) dirigir-se ao juiz que desconsiderou as razões apresentadas por uma advogada.
- (D) solicitar a interferência de uma advogada para defender seus direitos.
- (E) Orientar sobre os nossos direitos.

15. A Prefeitura defende a tese de que

- (A) os funcionários devem ser responsabilizados por terem desviado documentos, prejudicando os artesãos queixosos.
- (B) os fiscais se precipitaram ao impedir o funcionamento da feira de artesanato antes de encontrarem os documentos perdidos.
- (C) os artesãos queixosos aparentemente têm razão suficiente para reclamações, mas os responsáveis já estão tomando as medidas cabíveis.
- (D) os requisitos legais exigidos para expor e vender trabalhos na feira de artesanato devem ser cumpridos por todos os envolvidos nessa situação.
- (E) os funcionários se queixam dos trabalhos dos artesãos.

16. É correto afirmar que o reclamante é

- (A) um idoso, sem outra alternativa qualquer de trabalho.
- (B) uma autoridade responsável pelo cumprimento das leis.
- (C) um funcionário, acusado de ser o responsável pela perda de documentos.
- (D) um fiscal, que justifica sua atitude em fazer cumprir ordens superiores.
- (E) uma autoridade que está acima da lei.

17. Considerando-se a carta do leitor e a resposta da Prefeitura, é correto afirmar que
- (A) ambas apresentam a mesma opinião referente à proibição de trabalhar numa feira.
 - (B) elas divergem quanto à origem do problema surgido com a fiscalização do trabalho.
 - (C) o Subprefeito aceita a opinião do Remetente, propondo-se a autorizar seu trabalho.
 - (D) a opinião da Advogada dos queixosos é idêntica à dos funcionários da Prefeitura.
 - (E) ambas apresentam a mesma informação implícita.

O texto abaixo refere-se às questões de 18 a 20

GOL CONTRA A NATUREZA

Uma área maior que dois campos de futebol é destruída por minuto no cerrado Rico e ameaçado. Assim é o cerrado. A cada minuto, é destruída uma área equivalente a 2,6 campos de futebol na região, um ritmo de devastação dez vezes maior do que o da Mata Atlântica. Os dados – parte de um estudo feito pela Conservação Internacional, uma organização não-governamental voltada para a preservação do meio ambiente – indicam que o cerrado pode desaparecer até 2030 caso a destruição continue igual à que se vê hoje. Pelas características de seu terreno e por ser fácil de desmatar, o cerrado é considerado um bom lugar para a agricultura e a pecuária. E é isso que o põe em risco. A destruição desse bioma começou na década de 1960, quando a construção de estradas facilitou a chegada de muitos criadores de gado. Pouco depois, na década de 1980, foi a vez de as plantações invadirem a região. Com a agricultura mecanizada de soja, algodão, milho e girassol, a vegetação nativa foi rapidamente removida. Dos 204 milhões de hectares ocupados pelo cerrado no passado, a maior parte já foi desmatada. Da área que sobrou, metade foi bastante modificada pelo homem e não conserva as características e a variedade de plantas e animais originais. A cada ano, estima-se que dois milhões de hectares do cerrado são desmatados, sendo que as áreas mais afetadas estão em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais, além do oeste da Bahia. Se a degradação continuar, no entanto, o cerrado pode desaparecer até 2030. Já imaginou que perda isso representaria para o Brasil e o mundo? Pois é para reverter esse quadro que, há três anos, pesquisadores da Conservação Internacional procuram formas de recuperar as áreas já afetadas e evitar a destruição de outros ambientes. Esses profissionais, por exemplo, estudam a vegetação nativa por meio de imagens enviadas por satélite e, assim, podem descobrir onde está ocorrendo o desmatamento e elaborar uma estratégia de conservação. Segundo os pesquisadores, é necessário ainda acabar com as queimadas, reduzir a caça aos animais selvagens e impedir que mais áreas sejam desmatadas para a agricultura. Só assim será possível preservar as milhares de espécies que vivem no cerrado!

CHAGAS, Catarina. Gol contra a natureza. *Ciência Hoje das Crianças*, São Paulo, set. 2004. (Adaptado.)

18. Os dados das pesquisas apontam para o fato de que, se nenhuma providência for tomada, a destruição do cerrado será
- (A) igual a da Mata Atlântica.
 - (B) maior do que a da Mata Atlântica.
 - (C) menor do que a da Mata Atlântica.
 - (D) tão grande quanto a da Mata Atlântica.
 - (E) sem nenhuma relação com a Mata Atlântica.
19. O cerrado corre o risco de desaparecer por ser considerado um
- (A) bom lugar para agricultura e pecuária.
 - (B) bom lugar para a estratégia de conservação.
 - (C) lugar ruim para animais selvagens.
 - (D) lugar ruim para a agricultura mecanizada.
 - (E) bom lugar para morar
20. No texto, o autor faz referência à vegetação do cerrado utilizando a expressão:
- (A) pecuária.
 - (B) Bioma.
 - (C) Agricultura
 - (D) meio ambiente.
 - (E) cerrado.